



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Formação de Professores

Laís Araujo Rosa de França

A educação musical no Ensino Fundamental: algumas reflexões

Orientadora:

Maírce da Silva Araujo

São Gonçalo

2012

Laís Araujo Rosa de França

A educação musical no Ensino Fundamental: algumas reflexões

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

São Gonçalo
2012

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Mairce da Silva Araujo
Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores/UERJ.

Professora Doutora Jacqueline de Fátima dos Santos Morais
Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores/UERJ

São Gonçalo
2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada. Agradeço a meus pais que estiveram ao meu lado durante todo esse período de faculdade e hoje podem ver que o esforço valeu a pena. Agradeço ao meu futuro marido Arthur que sempre me apoiou, me ajudando, me dando forças, sendo realmente o verdadeiro amigo, aos meus colegas que me ajudaram neste longo caminho e por último, porém não menos importante, a minha orientadora Maírce Araujo que me ajudou muito na conclusão desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho monográfico se propôs a trazer algumas reflexões sobre a educação musical no cotidiano escolar do Ensino Fundamental no Brasil. Buscando entender melhor as contribuições de uma educação musical, para a construção de uma escola mais humana e sensível, tomei como ponto de partida, um breve memorial, enfocando minhas relações com a música, dentro e fora da escola. Num segundo momento, tendo com base uma pesquisa bibliográfica, trouxe alguns apontamentos sobre o processo histórico e sobre as determinações legais que orientam a educação musical nas escolas hoje. Enfocando o cotidiano escolar, termino trazendo uma experiência potente com a educação musical. Concluo o trabalho apontando que se por um lado, podemos afirmar a grande distância entre o apontado pelas determinações legais e o vivido nas escolas, por outro, experiências como as da escola Grão de Chão, em São Paulo, nos animam a acreditar que novos projetos no campo da educação musical estão sendo gestados.

Palavras chave: Educação Musical; cotidiano escolar

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO: eu e a música.....	7
2- EDUCAÇÃO MUSICAL: alguns apontamentos sobre os caminhos percorridos no Brasil.....	14
3- A EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA: o que nos dizem os PCNs ?.....	19
3.1 ENTRANDO NA ESCOLA: uma experiência potencializadora com a música no cotidiano escolar.....	24
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

Introdução: eu e a música

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

A música sempre esteve presente na minha vida, vendo televisão, andando na rua, ouvindo radio através do celular, indo para o trabalho ou para a faculdade.

Pensando em minha história, lembro-me que no período da escola básica a música foi interdita como trilha sonora de minhas atividades. No período da escola todos os aparelhos eletrônicos eram proibidos em sala de aula, sob a argumentação que provocava a dispersão nos/nas estudantes. Havia, contudo, uma música permitida: o Hino Nacional. Todos os dias, antes de entrarmos para a sala de aula, os alunos da escola eram obrigados a fazerem fila e cantarem o hino, como se o simples fato de cantarmos o hino, num ritual obrigatório, por si, fosse suficiente para nos levar a refletirmos sobre a Pátria. Com isso para mim a música e a escola se tornaram coisas opostas, a música era o bônus e a escola era o ônus, em outras palavras, a música era o prazer e a escola a obrigação.

Lembro-me de um fato em dessa época, acredito que eu estava no ensino fundamental. Desejando fazer os exercícios propostos pela professora ouvindo música liguei meu Discman (na época não existia Ipod, Iphone e outros “I” da atualidade). Pouco tempo depois escutei um grito da professora determinando que eu desligasse o aparelho, pois o exercício deveria ser feito silenciosamente.

Entendo que não fui a primeira, nem serei a última estudante que através de “pequenas rebeldias cotidianas” denuncia certa aridez da escola que insiste no modelo do silêncio, da disciplina, da realização de tarefas individuais. Modelo que prioriza conhecimentos e informações ligados ao campo da razão, em detrimento de outros conhecimentos ligados ao campo da arte e do sensível.

Entender melhor as contribuições de uma educação musical, pautada na criação e recriação da linguagem musical, para a construção de uma escola mais humana e sensível é um dos propósitos da presente monografia.

A música marcou-me nos períodos de escola, nos diferentes ciclos da minha vida, infância, adolescência, juventude e parece-me que continuará presente nos momentos que ainda virão.

Da infância lembro-me das cantigas de roda, das canções de ninar.

Uma dessas lembranças remete-me ao campinho de futebol do condomínio onde morava, local onde nos reuníamos, um grupo de mais ou menos dez meninas, para brincarmos de roda. Duas músicas eram as nossas favoritas: “Chicotinho Queimado” e “Brincadeira de Roda”.

Para a brincadeira do “chicotinho queimado” formávamos uma roda, com no mínimo cinco pessoas e não existia máximo, pois quanto maior a roda melhor. Em torno da roda os participantes ficavam sentados. Um de pé circulava a roda enquanto cantava uma música: “Chicotinho queimado é muito bom, quem olhar pra trás leva um beliscão. Chicotinho tá no pé? Eu acho que é chulé. Chicotinho tá na mão? Eu acho que é sabão. Chicotinho tá na cabeça? Eu acho que é piolho. Chicotinho pode correr? PODE!”

O comando de correr era dado quando o “chicotinho queimado” já havia sido colocado atrás de uma das pessoas da roda. Quando a música acabava todos olhavam para trás e quem encontrasse o objeto deveria se levantar e correr atrás da pessoa em volta da roda para encostar o “chicotinho” nela. Porém, se a pessoa perseguida conseguisse sentar no espaço vazio deixado pela outra, a pessoa que estava com o chicotinho reiniciava a brincadeira.

Na brincadeira de roda todos davam as mãos e cantavam a música juntos e assim que começasse a cantar a parte do “peti polá” todos soltavam as mãos e começavam a pular cruzando as pernas enquanto cantavam a música. Quando a música terminasse, quem ficasse de perna aberta teria que pagar uma prenda. A letra era “Vamos brincar de roda. Peti Peti Peti Peti Polá... quem ficar de perna aberta vai ter que rebolar até o chão que nem pião na ponta do dedão!”

Na escola, as brincadeiras na hora do recreio, as festas culturais, como por exemplo, as festas juninas, sempre eram acompanhadas de músicas e de coreografias a serem ensaiadas.

Lembro-me que uma vez participei da quadrilha da festa junina com minha turma no terceiro período da educação infantil. Eu usei um vestido branco com detalhes em azul e cheio de corações e um chapéu de palha com renda. Lembro-me dos dias em que ensaiava a coreografia junto com toda a turma e que realmente pude ter uma experiência muito marcante para a minha vida.



Eu dançando quadrilha na minha antiga escola Dom Hélder Câmara.

Cantar e dançar, portanto, foram, atividades extremamente prazerosas que marcaram minha primeira infância, seja na escola, no condomínio onde morava ou ainda na igreja da qual participava.

O espaço que a música e a dança ocupa na própria história da humanidade, contudo, mostra também que não é só para mim que essas expressões culturais são importantes. A música é essencial para a vida do ser humano. Um instrumento valioso que pode gerar mudanças, trazer inovação, acrescentar informações, inspirar, gerar sonhos, realizar, tocar a alma e transformar.

George Snyders, defendendo que escola possa ser um espaço de alegria, coloca *na renovação dos conteúdos culturais* (1988: 13) o caminho para a construção dessa escola. O autor ressalta que a *fonte de alegria dos alunos*, não está numa metodologia lúdica, nem nas boas relações entre professores e alunos, nem mesmo no desenvolvimento da autonomia dos alunos. Tudo isso deveria ser consequência de um

projeto de escola inspirado por uma renovação cultural. Não consigo pensar numa renovação cultural na escola que não inclua a música e a dança como parte relevante desse processo.

Dançar, cantar e brincar foram sempre minhas atividades preferidas. Quando eu tinha cinco anos de idade minha atividade predileta era ficar dançando e cantando em frente ao espelho com uma escova de cabelo na mão como microfone.

Para estudar eu fazia pequenas músicas para *assimilar* a matéria e poder fazer as provas. Isso se dava para qualquer matéria, desde as regras de português até as mais complicadas fórmulas de matemática e física. Com o passar dos anos a música começou a entrar no meu mundo escolar.

Quando estava na 6ª série (7º ano), eu tinha uma amiga que também gostava de cantar e amava música assim como eu. Começamos a nos interessar pelos instrumentos musicais, principalmente o violão.

Havia um grupo de colegas que levava violão para escola todos os dias e tocava na hora do recreio. Tal evento tanto nos fascinou que instigou em nós o desejo de aprender a tocar violão, instrumento com o qual continuo a conviver. A escola foi o primeiro ambiente a me suscitar o desejo de aprender a tocar violão.

Assim, em minha experiência de estudante a música aparecia como um paradoxo: de um lado a educação musical não fazia parte do currículo na escola em que estudava, pois não existia um espaço-tempo oficial reservado para que os alunos pudessem se dedicar a música. Por outro lado, contudo, a música estava presente, nos intervalos, nos recreios, mobilizando desejos, fazendo emergir novas formas de expressão, desenvolvendo novas habilidades e competências.

Lembro-me que em uma manhã estávamos eu e mais duas colegas cantando e tocando violão no intervalo das aulas. Ao deparar-se com tal cena, o professor de Geografia propôs que fizéssemos uma música tendo como tema a região Nordeste, assunto sobre o qual estávamos estudando naquele momento. Tomamos a proposta como um grande desafio.

Aceitamos a proposta e nos reunimos para produzir a música. Marcamos reuniões de trabalho em nossas casas em dias diferentes. A cada encontro, estudávamos a matéria e pesquisávamos músicas para tentarmos criar uma paródia em cima da melodia já existente e fazer uma associação com o tema proposto. Cada

reunião era espetacular, o que para mim era maravilhoso, pois não gostava de estudar geografia, achava maçante e desinteressante. Porém, o desafio proposto pelo professor nos instigou a perceber uma outra faceta do processo ensino-aprendizagem.

Não se tratava de criar rimas com regras da gramática ou com fórmulas para serem decoradas, tratava-se de perceber a música como uma outra forma de expressão, que poderia contribuir para ampliar nosso olhar sobre a realidade que estávamos estudando.

Quem é esse povo?

Que sofre assim?

Quem é esse povo

Que tem miséria sem fim?

Que povo é esse

Que mesmo com a dor

Esperam que um dia lhe deem valor?

Mas tem alegria no coração

Esperam que um dia haja solução

Viva o Nordeste

O prazer da produção do conhecimento nos levou mais longe e decidimos compor uma segunda música, porém, ao invés de criarmos a letra para apenas encaixarmos na métrica de alguma melodia, resolvemos criar não apenas a letra, mas também a melodia. Essa segunda construção foi mais especial ainda porque foi a primeira música que fizemos e acabou gerando um carinho especial em relação a esse novo desafio.

Em meio a brincadeiras e risadas, conseguimos desenvolver a estrutura da nova música que diferentemente da primeira letra, fizemos em um ritmo mais alegre e que expunha a alegria do povo nordestino. A segunda música se resumia em quatro notas no violão e era cantada com a seguinte letra:

Nordeste é um povo tão feliz
É um povo tão feliz
É um povo tão feliz

Hoje a Baiana vai rodar
O frevo vamos dançar
E a cultura rolar

A seca e a miséria
Não vão impedir
O povo querido
do Nordeste sorrir.

As duas músicas foram apresentadas com muito sucesso em sala de aula. Conseguimos abordar uma temática, que para grande parte dos/das estudantes da turma era apenas um conteúdo curricular a mais para ser memorizado, dando-lhe um novo sentido, trazendo novas possibilidades de compreensão da realidade brasileira a partir da música.

O que busco defender com esta monografia é uma educação musical na escola que não esteja presa a uma grade curricular. Uma educação musical que contribua para trazer ao cotidiano escolar experiências marcantes e inspiradoras para educadores/as e educandos/as

No primeiro capítulo procurei mostrar minhas experiências com a música no meu período escolar, narrando alguns acontecimentos vividos fora e dentro da escola, buscando mostrar com o tema dessa monografia me inspirou a pensar novas possibilidades para a música na escola.

No segundo capítulo trago algumas reflexões sobre alguns caminhos percorridos pela educação musical no Brasil.

No terceiro capítulo, busquei os aspectos legais que orientam a educação musical nas escolas hoje, dialogando com a lei e os parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental, com o objetivo de compreender melhor como tem se dado a implantação da Educação Musical nas escolas e quais tem sido as dificuldades para a inserção.

Por fim, trago uma reflexão sobre a importância da música em sala de aula e na educação em geral. Tento mostrar como tem sido a relação da música no cotidiano escolar e propostas de mudanças e reflexões dentro do assunto proposto.

EDUCAÇÃO MUSICAL: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE OS CAMINHOS PERCORRIDOS NO BRASIL

A barata diz que tem sete saias de filó
é mentira da barata ela tem é uma só
ra-ra-rá, ro-ro-ró ela tem é uma só
ra-ra-rá ,ro-ro-ró ela tem é uma só!

No artigo “Educação musical: uma síntese histórica como preâmbulo para uma ideia de educação musical no Brasil do século xx” Martins (1995) mostra que se a educação musical no processo de desenvolvimento humano, portanto, na história da humanidade, foi se caracterizando como uma forma de expressão ou uma modalidade de conhecimento, na escola a música não tem uma trajetória marcada por preocupações mais humanísticas:

A música, como modalidade de conhecimento ou como forma de expressão, tem caracterizado uma presença marcante nesse processo histórico de desenvolvimento do conhecimento e da expressão humana. Todavia, a educação musical, isso é, a preocupação com os processos de uma pedagogia musical, com uma aprendizagem adequada a diferentes necessidades e características humanas - respeitando níveis de desenvolvimento biológico, cognitivo e cultural - teve uma trajetória lenta e tortuosa, permeada por preconceitos e credences. (MARTINS, 1995, p.6)

O artigo mostra que a música e a ginástica eram as únicas modalidades de educação nos primórdios da Grécia e que com o passar do tempo, o pensamento grego foi desenvolvido e foram incluídas letras e poesias na disciplina de música. Porém esses estudos iam até aos vinte anos de idade, após essa idade o jovem passava a estudar a ciência como matemática, astronomia, aritmética e música (estudo da proporção dos intervalos do monocórdio em relação aos corpos celestes). (MARTINS, 1992)

No período da Renascença, outros aspectos começaram a ser enfocados na educação musical, sendo acrescentado a preocupação com o desempenho e a expressão. Esse início de mudança foi tão forte que o anseio por popularizar o ensino da música

aumentou e com isso foram criadas as escolas públicas, para que a educação passasse a alcançar uma parte maior da sociedade e não apenas a elite.

Luteranos e calvinistas tiveram participação decisiva nesse processo ao exigir uma Educação musical para todas as crianças e jovens, retomando assim o Espírito da Grécia antiga Lutero, na sua Carta aos Conselheiros dos Estados Alemães, recomenda que se coloque num mesmo nível as Humanidades, as Ciências e o estudo da musica com ênfase especial para o canto nas escolas (GAINZA APUD MARTINS, 1995, p.18-19).

No século XIX, nos Estados Unidos e na Europa também aconteceram mudanças no que no campo da educação musical. Nos Estados Unidos houve uma grande cruzada em favor da propagação da escola pública enfatizando a educação musical como uma forma de não perder o foco de uma educação como algo humano e não sistemático. O estado de Massachussetts foi o primeiro estado a adotar o ensino de música nas escolas públicas. Até hoje as escolas públicas dos Estados Unidos possuem o ensino musical nas escolas públicas, eu vivenciei dois anos essa experiência que foi extremamente marcante na minha vida. Eu estudei na escola pública de Weymouth, uma pequena cidade no estado de Massachussetts. Morei nos Estados Unidos por dois anos e fiz minha quarta e quinta série em uma escola pública da cidade.



Eu e meus colegas de turma em nossa sala de aula. Weymouth- MA(EUA)

As aulas de música sempre foram as minhas preferidas. As aulas eram lecionadas no teatro da escola onde havia um piano de calda preto. Lembro-me até hoje que a professora nos ensinava um pouco sobre partitura e nós ensaiávamos músicas para apresentarmos no final do semestre. Cada aluno fazia audições para ver qual voz estaria fazendo dentro da melodia. Recordo-me também que a professora não era muito simpática com os alunos, porém, mesmo assim todos adoravam ensaiar e participar do grande evento.



Eu e uma colega em frente a nossa escola estendendo a bandeira em Weymouth-MA-USA

Na Europa, a partir da divulgação das ideias da Escola Nova as propostas montessorianas ganhavam campo, mesmo recebendo críticas em relação à aceitação de novas metodologias baseadas em materiais didáticos específicos. Com o passar do tempo, a filosofia e a psicologia também foram agregados ao ensino de música nas escolas trazendo uma noção e percepção do ensino da música como conhecimento.

No Brasil, o ensino da música baseada em conservatórios era muito solidificado, porém com a chegada da ideologia de escola nova no Brasil o método de ensino musical usado tradicionalmente e a proposta escolanovista começaram a se conflitar.

O ensino de música no Brasil na década de 20 era muito conservador e tradicional, pois espelhava-se no conservatório de música de Paris. Era ensinado canto, instrumentos e composições musicais. Com isso qualquer mudança seria inviável. As discussões provocadas pelo ideário escolanovista, contudo, além de possibilitarem a inserção no currículo do ensino de história da música, contribuiu igualmente para o surgimento do conceito de educação musical,

Segundo Martins (1995), os problemas que se enfrentavam na época eram o da implantação da música nas idades devidas. Uns achavam que a iniciação musical era para crianças, outros acham que seria para jovens e adultos e outros achavam que a

educação musical deveria ser para todos, porém nenhum deles poderia ter tido contato com música até então. Essas discussões foram extensas, porém, nenhuma delas tinha embasamento científico ou pedagógico.

No final da década de 20 novas ideologias surgiram como o de Dalcroze que envolvia filosofia. Outros pensamentos também surgiram porém não tiveram repercussão devido à falta de embasamento educacional e da sistematização do procedimento metodológico. Contudo, os estudos da psicologia começaram a ser implantados, de uma forma não oficial, em algumas escolas.

Começou a ser problematizada a questão do desenvolvimento perceptivo da música, características da inteligência musical e as fases do desenvolvimento do ser humano no mundo da música.

A partir da implantação desses novos aspectos, Piaget começou a ser mencionado no meio da educação musical. Mudanças começaram a surgir como a junção dos novos métodos com os antigos em relação aos processos de aprendizagem musical, desenvolvimento da expressividade, a função da música como conhecimento, Esse processo não era estático, mas sim dinâmico. Os professores e músicos que estavam sendo formados não desfrutavam desses novos processos apenas para a iniciação, não era algo que se limitava, muito pelo contrário, era passada a formação para gerar profissionais conscientes da função exercida.

Na década de 30, como aponta Martins (1995), durante a ditadura Vargas e o estado novo, foi imposto outro modelo da França para as escolas de músicas trazidas por Villa-Lobos chamado “Orfeão”. Era um método mais voltado para o estudo do carisma do compositor e muito relacionado ao patriotismo da época, um modelo mais tradicional.

Esse novo modelo foi implantado e estabelecido durante mais de uma década no Brasil. Com isso, várias repercussões foram geradas que durou em média meio século.

Vários intrincamentos históricos e diversas implicações políticas foram gerados que somente recentemente começaram a ser reavaliados de uma forma crítica devido a distancia percorrida entre um período histórico e outro.

A EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA: O QUE NOS DIZEM OS PCNs ?

Meu lanchinho, meu lanchinho
Vou comer, vou comer
Pra ficar fortinho, pra ficar fortinho
E crescer, e crescer

Início este capítulo com uma “musiquinha” bastante recorrente no cotidiano da escola, especialmente da Educação Infantil, que, de certa forma, ilustra uma concepção sobre o papel da música no currículo, ou seja, a música como instrumento para a organização de rotinas, de disciplinarização, para distrair ou acalmar as crianças em sala de aula. Em etapas posteriores à educação infantil, também é comum a música estar ligada à apresentação de datas comemorativas, através de hinos, por exemplo, ou para facilitar a memorização de conteúdos pedagógicos.

Assim sendo, a educação musical como uma forma de ampliar as formas de expressão e de conhecimento do mundo e de si mesmo, ainda continua distante de nossos currículos, como nos lembra GARCIA (2000):

“... Não deveríamos estar deixando fluir a ‘imaginação’ de nossos alunos e alunas, e sua ‘intuição’ e sua ‘sensibilidade’, e ao pretender educar, educar (o que não significa domesticar) o olho, o ouvido, o tato, o olfato e a gustação, formas de conhecimento do mundo e de si mesmo, pois só assim lhes será oferecida a possibilidade de diversidade de pensamento, de diversidade de linguagens?” (p. 12)

Por outro lado, a Lei Federal 11.769/08 criada em 2008, determina a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas, incluindo-o como parte do currículo dos ensinos Fundamental e Médio das escolas, a partir de agosto de 2011.

Em 19 de agosto de 2008, o projeto passou a vigorar como lei (Lei 11.769/2008) nos seguintes termos:

Art. 1º O art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 6º: “Art. 26. § 6º A

música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.” (NR)

Art. 2º (VETADO)

Art. 3º Os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas nos artigos. 1º e 2º desta Lei.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (Brasil, 2008).

Porém, o que percebemos hoje é que o aparato jurídico, não contribuiu para provocar novas reflexões na escola sobre uma educação musical que amplie a formação dos/das alunos/as, como afirma Lima (2003) abaixo:

Enquanto a linguagem musical não for pensada como uma das formas de conhecimento que integra a formação da personalidade humana, o ensino musical será visto como ensinamento acessório não incorporado à totalidade curricular, quando comparado a áreas bem mais estruturadas, o que inviabiliza uma atuação funcional eficiente. (p. 84).

O ensino da música na escola continua a se caracterizar como um ensinamento secundário, como denuncia a autora. “Musiquinhas” como a do lanchinho, com a qual abrimos a seção, apenas confirmam essa afirmação.

Poderíamos pensar que mudanças seriam necessárias na escola e na sociedade para que a educação musical fosse de fato incorporada ao currículo escolar, numa perspectiva humanizadora? Com certeza, a simples obrigatoriedade do ensino da música na escola não resolve a questão. Além de mudanças na própria concepção da educação musical e de seu papel no currículo é necessário também outras ordens de mudanças que passam desde as condições de formação dos profissionais, até as condições materiais. Por que não podemos sonhar em ter instrumentos musicais em todas as escolas públicas, por exemplo?

Trazendo ao texto os PCNS sobre música podemos visualizar melhor o momento que estamos vivendo em relação à educação musical nas escolas. De acordo com o PCN, nas últimas décadas, em face de múltiplas transformações nos aparatos tecnológicos, os jovens, em geral, vêm modificando suas relações

(...) com o advento de novos paradigmas perceptivos, novas relações tempo e espaço, múltiplos interesses, poderes, modos tecnológicos de comunicação, verificam-se as transformações mais variadas que se processam simultaneamente, trazendo outras relações entre os jovens, as máquinas e os sons.” (BRASILIA, 1997, p.78)

Discutindo um pouco mais sobre o perfil dos jovens no momento atual, os PCNs apontam que as preferências musicais dos jovens tornam-se um motivo de agregação, na medida em que os tem levado a formação de grupos com pessoas e amigos com o mesmo estilo de roupa, comportamento em comum. Dentro desses ciclos de amizades há a variação de condições econômicas o que o leva a comprar, gravar, regravar ou pegar emprestado com o amigo para desfrutar e ouvir com bastante frequência a sua preferência musical.

Uma das marcas que representa o Brasil na comunidade internacional é a riqueza de seu repertório musical. A história do povo brasileiro pode ser contada e cantada a partir de uma grande variedade de ritmos e melodias. A cada dia parece surgir na mídia um novo grupo com uma nova proposta musical.

O PCN problematiza a questão de como a escola lida com o talento musical e com as necessidades de expressão musical dos/das alunos/as e alerta para a necessidade da realização de uma educação musical que contribua para ampliar a formação humaniza dos/das estudantes.

Os momentos escolhidos para trabalhar com música em sala de aula dependerá totalmente do professor levando-se em consideração as vivências dos alunos, tudo dependerá da vivência tanto do professor, quanto do aluno para se ensinar e aprender música.

Na fase da adolescência o jovem inserido no terceiro e quarto ciclos da escola de ensino fundamental terá a oportunidade de explorar diversas formas de lidar com a música como estrutura sonora, modificar melodias e formas de lidar com a música.

Com o decorrer do tempo de estudo, o aluno estará apto para trabalhar com interpretação musical, expressividade e ter um domínio técnico básico, podendo trabalhar com improvisação, composição, interpretação e explorar diferentes maneiras de lidar com a música através de instrumentos musicais ao ponto de conseguir explorar o conhecimento da linguagem musical, podendo se comunicar e expressar musicalmente.

O PCN nos mostra também que a apreciação e o conhecimento do aluno a respeito do repertório musical brasileiro de diferentes períodos históricos e em diferentes espaços geográficos, contribui para a valorização da diversidade cultural, e para o rompimento de preconceitos étnicos, culturais, de gênero e estéticos.

Quanto aos alunos de EJA, o PCN nos diz que a instituição educacional deve explorar a imaginação dos alunos para a improvisação, composição e interpretação, oferecendo um suporte estético e artístico, através de apresentações e apreciações musicais através do cotidiano, das suas vivências e com isso trazer para a escola a mistura da teoria com sentimento, a oportunidade da criação e da apreciação das músicas significativas.

Traçando um breve perfil em curso dos avanços tecnológicos e do aumento de produção de instrumentos musicais eletrônicos, como decorrência, os PCNs apontam que novas formas de expressões musicais foram surgindo e com isso novos meios e métodos de composição e de expressão foram desenvolvidos como batidas feitas por programas de computador e não de instrumentos musicais e que vão criando novos caminhos para a educação musical ao qual pode haver a iniciação da inclusão digital através da música como músicas eletrônicas, rock, eletroacústicas e diversas outras ramificações formadas através desses avanços.

Além de trazer as ciências exatas para dentro do meio musical, a Ecologia Acústica também pode trazer para a educação musical a conscientização de preservação do meio ambiente, abordando temas como a poluição sonora como algo prejudicial para o ser humano e conduzindo os alunos a uma análise crítica em relação a esses aspectos.

Dessa forma, pensando uma educação musical que levasse a uma “... criação musical a partir de paisagens sonoras de diferentes épocas e espaços, [da] audição de músicas que apresentem paisagens sonoras; [da] escuta atenta, crítica e questionadora dos sons do meio ambiente, a Ecologia Acústica, idealiza “mudanças desejáveis na busca da saúde como qualidade de vida.” (BRASILIA, 1997, p.80)

Os objetivos gerais do PCN sobre a música se resume em:

- “• Alcançar progressivo desenvolvimento musical, rítmico, melódico, harmônico, tímbrico, nos processos de improvisar, compor, interpretar e apreciar.

- Desenvolver a percepção auditiva e a memória musical, criando, interpretando e apreciando músicas em um ou mais sistemas musicais, como: modal, tonal e outros.
- Pesquisar, explorar, improvisar, compor e interpretar sons de diversas naturezas e procedências, desenvolvendo autoconfiança, senso estético crítico, concentração, capacidade de análise e síntese, trabalho em equipe com diálogo, respeito e cooperação.
- Fazer uso de formas de registro sonoro, convencionais ou não, na grafia e leitura de produções musicais próprias ou de outros, utilizando algum instrumento musical, vozes e/ou sons os mais diversos, desenvolvendo variadas maneiras de comunicação.
- Utilizar e cuidar da voz como meio de expressão e comunicação musicais, empregando conhecimentos de técnica vocal adequados à faixa etária (tessitura, questões de muda vocal etc.).
- Interpretar e apreciar músicas do próprio meio sociocultural e as nacionais e internacionais, que fazem parte do conhecimento musical construído pela humanidade no decorrer de sua história e nos diferentes espaços geográficos, estabelecendo inter-relações com as outras modalidades artísticas e as demais áreas do conhecimento.
- Conhecer, apreciar e adotar atitudes de respeito diante da variedade de manifestações musicais e analisar as interpenetrações que se dão contemporaneamente entre elas, refletindo sobre suas respectivas estéticas e valores.
- Valorizar as diversas culturas musicais, especialmente as brasileiras, estabelecendo relações entre a música produzida na escola, as veiculadas pelas mídias e as que são produzidas individualmente e/ou por grupos musicais da localidade e região; bem como procurar a participação em eventos musicais de cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, buscando enriquecer suas criações, interpretações musicais e momentos de apreciação musical.
- Discutir e refletir sobre as preferências musicais e influências do contexto sociocultural, conhecendo usos e funções da música em épocas e sociedades distintas, percebendo as participações diferenciadas de gênero, minorias e etnias.

- Desenvolver maior sensibilidade e consciência estético-crítica diante do meio ambiente sonoro, trabalhando com “paisagens sonoras” de diferentes tempos e espaços, utilizando conhecimentos de ecologia acústica.
- Refletir e discutir os múltiplos aspectos das relações comunicacionais dos alunos com a música produzida pelos meios tecnológicos contemporâneos (que trazem novos paradigmas perceptivos e novas relações de tempo/espaço), bem como com o mercado cultural (indústria de produção, distribuição e formas de consumo).
- Adquirir conhecimento sobre profissões e profissionais da área musical, considerando diferentes áreas de atuação e características do trabalho.”
(BRASILIA, 1997, p.81-82)

ENTRANDO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA POTENCIALIZADORA COM A MÚSICA NO COTIDIANO ESCOLAR

Quando entrei aqui no Grão,
era pequenino
Tudo era tão grande,
eu parecia um feijãozinho
Agora que eu cresci
tudo é muito diferente

Com objetivo de ilustrar uma experiência potencializadora com a Educação musical dentro da escola, que a meu ver, respeita e amplia as concepções musicais apontadas pelos PCNs, trago a seguir o projeto desenvolvido pela Escola Grão de Chão localizada em São Paulo – SP a que tive acesso através da revista *Avisa Lá*.

O verso que abre a seção traz uma experiência realizada pela escola com os alunos do ensino fundamental com a cultura carnavalesca e o tecido Chita. É feita uma mistura de ritmos e brincadeiras com o manuseamento do material para a criação de fantasias e instrumentos musicais através de oficinas e eventos no decorrer do ano letivo.

O artigo “Chita no Carnaval e no São João”, publicado em outubro de 2008, apresenta o projeto esclarecendo que o Planejamento de atividades significativas que envolvam a diversificação de formas de aprendizagem é uma das atividades do início do ano letivo na escola Grão de Chão.

No mês de fevereiro, além de abordar temas como de socialização e adaptação das crianças à escola, outro tema que tem sido abordado é o Carnaval. Trazendo diversas abordagens para o tema, a escola inseriu a música e dança procurando explorar as diferentes atividades culturais relacionadas ao carnaval, que acontecem pelo Brasil afora.

Nesse período, a escola produziu junto com os/as alunos/as fantasias, cenários, adereços, utilizando vários tipos de materiais pesquisados.

A escola anteriormente já havia iniciado um trabalho com a utilização do tecido chita em 2007 nas turmas da Educação Infantil. Tal projeto havia sido finalizado em junho do mesmo ano nas comemorações juninas, tendo com objetivo a integração da comunidade com a escola, através da participação e da contribuição da mesma para o desenvolvimento dos temas propostos, tais como a diversidade cultural e as variadas formas de expressão.

Um dos objetivos da escola era que as crianças se relacionassem bem com outros tipos de grupos sociais através de debates e conversas sobre algum acontecimento relacionado ao tema.

Procuravam também gerar apreço nos alunos em relação aos patrimônios culturais e gerar curiosidade de aprender novas formas para se expressarem e para isso foi criada uma diversidade de atividades para relacionar o estudo com a brincadeira.

Essa relação era feita através de danças, histórias, brincadeiras, jogos e canções relacionadas à cultura do Brasil. Para isso eram-se usados materiais relacionados à cultura brasileira também e podemos tirar como exemplo o tecido chamado chita.

Eles traziam a história e a importância da utilização da chita nos trabalhos realizados na escola e o motivo principal era porque a chita é um material antigo utilizado desde as navegações europeias e encontraram esse tecido na Índia.

E por ser um tecido chamativo, era-se usado pelas pessoas do campo, além de toda essa história, a chita vem sendo utilizada até os dias atuais para festividades juninas e carnavais do Nordeste. Após toda a conscientização e explicação do uso deste material com os alunos, a escola solicitava aos pais que os alunos levassem um corte de dois

metros de pano. Um seria para ficar na escola e o outro metro para os responsáveis criarem uma fantasia com o aluno.

Em sala os professores traziam atividades com o tecido através de brincadeiras para sentirem o material, sua textura, como eram as estampas, para que os alunos se familiarizassem com a chita.

Os alunos aproveitaram e brincaram com o pano. Cada aluno reagia de uma forma. Alguns usaram o pano para usar como asas, outros fizeram “ninhos” para deitar e todo esse processo era realizado com musica ambiente e bem suave para a envoltura dos alunos com o tema. Após um tempo de brincadeiras, os alunos começaram a criar suas fantasias envolvendo o tecido em seus corpos. Durante o trabalho os professores colocaram CDs com músicas carnavalescas para também envolverem os pais nas atividades.



Alunos da escola Grão de Chão brincando com o tecido chita.

Através do projeto, tanto os pais quanto os alunos puderam desfrutar de novos ritmos com a utilização de instrumentos de percussão como tambores, pandeiros, triângulos, chocalhos, re-co-recos e etc. Essas atividades aconteciam uma vez por semana e todos esses sons que seriam gerados por instrumentos profissionais, podiam ser produzidos através de panelas, caixas, latas, e diversos tipos de matérias recicláveis o que me levou a pensar em um ambiente de educação musical que também poderia ser relacionado com uma relação de transformação e instrução de cidadania.



Alunos da escola Grão de Chão participando da oficina de música com tambores e chita.

Com o tempo todos foram contagiados com as canções e atividades realizadas semanalmente e as marchinhas carnavalescas começaram a ser utilizadas em sala de aula para realização de algumas atividades contribuindo para a memorização das letras das músicas.

Através da utilização dessas canções, as danças e cantorias foram bons exercícios para um melhor desenvolvimento motor e rítmico dos alunos. Com as letras das músicas eles puderam criar novas letras e trabalhar na improvisação de novas letras e ver o que se encaixava na métrica musical e o que não. Com o trabalho realizado com os instrumentos musicais, pôde ser trabalhada a questão da atenção com os alunos, a percepção de novos ritmos e fontes sonoras. Com isso os professores utilizaram essas experiências para trabalharem os conteúdos de teoria musical como timbre, altura, duração e intensidade dos sons e etc.

Nas oficinas de jogos foram criadas várias brincadeiras que requeriam bastante esforço e agitação dos alunos como o “Entrudo” (Brincadeira que consistia em jogar água uns nos outros), o “Bloco dos Lambuzados” (os alunos se sujavam com lama, tinta, farinha e etc.). Existiam também as oficinas para a confecção de máscaras e adereços com a utilização da chita para lembrarem o carnaval.

Nas sextas-feiras que antecedem o carnaval, a escola promove um evento chamado Baile da Chita. A decoração é toda feita com p tecido e todo o ambiente é modificado em prol da formação do ambiente voltado para o clima carnavalesco. No

evento acontecem danças que todos podem participar e tem períodos de canto que é realizado um pouco antes do término do período escolar. Eram realizadas oficinas para a confecção de fantasias com a utilização da chita, onde todos estariam envolvidos.



Alunos da escola Grão de Chão brincando com as professoras no pátio do colégio

Os alunos aproveitaram os tecidos para fazerem como faixas na cabeça, outros fizeram como gravatas, cintos, saias e outras diversas formas de utilização da imaginação.

O trabalho desenvolvido na escola, no qual a brincadeira, a música, a dança, o repertório cultural, estão em primeiro plano e são partes integrantes do currículo, nos mostra que “ a escola pode ser um espaço privilegiado para plantar a semente do prazer de aprender. Para isso, é preciso reconhecer a criança como produtora de conhecimento, alguém que está sempre indagando e procurando respostas para tudo o que vê ouve, toca, sente...” (ARAÚJO, 2003, p. 102) Esse também deveria ser um princípio quando pensamos em educação musical.

O projeto realizado nos traz pistas sobre os caminhos a percorrer na construção de uma educação musical que enriqueça a capacidade de expressão de crianças e jovens. As crianças puderam se envolver e criar através da mistura da música, brincadeiras e informações culturais que contribuíram para a construção de uma escola mais humana e sensível.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Borboletinha tá na cozinha
fazendo chocolate para madrinha
poti-poti perna de pau
olho de vidro e
nariz de pica-pau pau-pau!

Retomando os objetivos iniciais da presente pesquisa, ou seja, buscar compreender melhor as contribuições de uma educação musical, pautada na criação e recriação da linguagem musical, para a construção de uma escola mais humana, concluo afirmando que as leituras e estudos realizados, mostraram-me, que a escola de uma forma mais geral, ainda hoje, não incorpora a educação musical, com toda a sua potencialidade na formação de sujeitos mais sensíveis, em seu cotidiano.

Parece que, apesar de recomendações, tais quais as do PCN e a da Lei 11.769/08, que determina a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas, incluindo-o como parte do currículo dos ensinos Fundamental e Médio, a escola, os educadores e as educadoras, em sua maioria, ainda não encontraram caminhos mais potencializadores para as artes no cotidiano escolar, incluindo aí a educação musical.

Porém, nem tudo está perdido. Se por um lado, podemos afirmar a grande distância entre o ideal e o real, no que diz respeito à educação musical no cotidiano escolar de grande parte das escolas, por outro, experiências como as da escola Grão de Chão, em São Paulo, nos animam a acreditar que novos projetos no campo da educação musical estão sendo gestados.

A maioria dos seres humanos tem uma ligação com a música desde muito cedo. Hoje encontramos depoimentos de mães que já investem numa educação musical para sua prole, desde que ainda estão na barriga. Para algumas crianças, oxalá fossem todas, a educação musical começa ainda no útero materno.

Lutar para que as escolas públicas sejam dotadas de recursos materiais e para que seja garantida aos professores e professoras uma formação musical que lhes possibilite proporcionar a seus alunos e alunas, experiências musicais, de fato significativas, pode ser um caminho para estender a todas as crianças o direito a uma educação musical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Mairce. Alfabetização tem conteúdos? In: GARCIA, Regina L (org). **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Leis Ordinárias de 2008**. Lei nº 11.769/2008. Altera a lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília, 2008.

Disponível em<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>.

BRASIL. Secretaria de educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: Bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CAMPOS, N. P. **Luz, câmera, ação e... música! : os efeitos do espetáculo nas práticas musicais escolares**. Revista da Abem, Porto Alegre, n. 13, p. 81, set. 2005.

FRANZINI, Lucília. **Chita no carnaval e no São João**. Revista Avisa lá, São Paulo, n.36, outubro. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LIMA, S. R. A. de. **A resolução CNE/CEB 04/99 e os cursos técnicos de música na cidade de São Paulo**. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n. 8, p. 84, mar. 2003.

MARTINS, Raimundo. **Educação musical no sec. XX**. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n. 2, p.96, junho. 1995.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos ; ARAÚJO, Mairce da Silva ; CAETANO, D. W. A. B. . Pesquisando o cotidiano: conversas de crianças em uma escola de educação infantil. *Teias* (Rio de Janeiro. Impresso), v. 13, p. 205-217, 2012.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos ; ARAÚJO, Mairce da Silva . Alfabetização e analfabetismo no Brasil: algumas reflexões. *Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa (USP)*, v. Ano V, p. 105-120, 2010.